

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA – UNILA

“Anais do I Encontro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe: cenários
linguístico-culturais contemporâneos”
07, 08 e 09 de novembro de 2013 - UNILA

FOZ DO IGUAÇU - 2016



GT 1 - NUEVAS EPISTEMOLOGÍAS EN AMÉRICA LATINA

OS RITMOS DE ABYA YALA NA POESIA DE RUBÉN VELA E NA OBRA PICTÓRICA DE LEÓNIDAS GAMBARTES

Denise Scolari Vieira¹

RESUMO: O poeta Rubén Vela e o artista plástico Leónidas Gambartes assumem o passado pré-hispânico dentro de uma perspectiva alheia à linearidade. Buscam outro mundo. Seus textos orientam-se em direção ao desconhecido e ao misterioso. Nomeiam lugares e antepassados. Retomam ideias, experiências e destacam a cultura em diálogo contínuo feito de contradições, ambiguidades e bifurcações. Tal percepção move-se na circunstância espacial e temporal de uma constante indagação, na qual, a linguagem torna-se experimentação inquisitiva. Nesse sentido, é possível observar uma rede complementar que os une, porque ambos são capazes de representar deslocamentos imaginários em suas obras. O poeta Vela, primeiramente no espaço americano, mais tarde, em outros continentes e, o pintor Gambartes no interior da Argentina. Dessa maneira, instauram-se alteridades projetadas por meio da mobilidade e das redes de troca cultural. A partir de uma geografia simbólica avessa ao etnocentrismo, Vela e Gambartes fortalecem, em seus projetos estéticos, as distintas vozes de *Abya Yala*, nos quais, pulsam deuses, heróis e paisagens invocados por forças vitais capazes de impedir o seu silenciamento.

Palavras-chave: Poesia; artes plásticas; história; memória; *Abya Yala*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Os artistas modernos propugnaram, nas obras, um afastamento dos condicionamentos formais, mediante o fascínio da potencialização da linguagem e do ofício de criar.

Então, por meio de procedimentos de estranhamento, anunciados no nível sintático-semântico dos distintos projetos estéticos, observa-se a corrosão da simetria interpretativa.

Em tal esforço, efetiva-se uma materialidade discursiva capaz de fundir planos distintos de percepção e que, restitui à imaginação seu poder criador. O filósofo Paul Ricouer alude à Bachelard e menciona referências que complementam essa ideia:

É o símbolo que exprime nossa experiência fundamental e nossa situação no ser. É ele que nos reintroduz no estado nascente da linguagem. O ser se dá ao homem mediante as sequências simbólicas, de tal forma que toda visão do ser, toda existência com relação ao ser já é uma hermenêutica (RICOUER, 1988, p.3).

Dessa maneira, é por meio desses elementos subjetivos, que os artistas argentinos Rubén Vela e Leónidas Gambartes exaltam os ritmos de *Abya Yala*. Ao fazê-lo, cumpre-se uma

¹ Professora do Colegiado de Letras.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Marechal

Doutora em Literatura e Cultura (Universidade Federal da Bahia/UFBA).

E-mail: deniseantonia@hotmail.com

vez mais um rito, para impedir o aniquilamento do patrimônio intangível dos povos originários americanos.

Na obra do poeta Vela surge uma perspectiva cultural alheia à linearidade, mediante versos que se voltam rumo ao desconhecido e ao misterioso, a fim de nomear lugares, antepassados, bem como, revitalizar ideias e experiências.

No poema que se segue, é possível constatar essa dimensão simbólica:

AMÉRICA

'Esto es América', me decían,
mostrándome las altas cordilleras,
el suicidio del sol sobre los trópicos,
los grandes ríos furiosos.
Sólo vi pies descalzos,
criaturas americanas
sobre el hambre y el frío
como frutos desnudos.
'Esto es América'. Sobre las tierras
indias del centro y del sur
vi desolación. Y, al borde,
las grandes ciudades opulentas, sólo
al borde ...
(VELA, 2006, p. 10).

Nesse exemplo, é importante perceber a consistente expressão do espaço americano, pela qual, o eu-lírico dramatiza a paisagem, por meio de um olhar atento, solidário e vê a exaustão de vozes desautorizadas.

Nos versos, decompõem-se limites, desfazem-se arbitrariedades, potencializam-se estratégias de intervenção.

Entretanto, neste caso a objetividade inerente ao discurso cotidiano cumpre funções distintas, salienta a dessacralização e evoca as deformações da realidade. Nesse sentido, compreende-se a dinâmica e a lógica das configurações históricas, a partir de múltiplas dimensões, que estrategicamente selecionadas evidenciam a formação dos hábitos da distinção. Rubén Vela desenha a sua proposta de leitura da cultura americana, como se observa no próximo poema:

CHICHÉN-ITZÁ

Has vencido a la lluvia

y al viento de esa lluvia.
Has vencido a la muerte
y al viento de esa muerte.
Y las hojas de los árboles nuevos
Te cubren de amor.
(VELA, 2006, p. 136)

O eu-lírico trabalha e desdobra a inteligência sensível de um saber que é visibilizado no poema. Nesses versos, revela-se a presença da América pré-colombiana, de diferentes crenças, religiões, mitos e ritos acessíveis pelas estratégias da memória voluntária, percepção que se deixa entrever, no limiar entre a recordação do passado e a percepção do presente. Tais repetições são sequências de um conteúdo semântico capaz de mencionar uma modalidade simbólica da viagem de ida e volta, como também se lê no poema:

MACCHU PICCHU

Es su casa de piedra,
Su mansión de silencios,
Allí donde el tiempo teje
La sed de los equinoccios.

¡Miradla bien!
Una raíz. Un sueño.
(VELA, 2006, p. 12)

Já nesse caso, observa-se a transcendentalidade do imaginário em relação a acontecimentos sociais que aparecem no texto muito mais como linguagem de evocação e canto e desenvolvem-se como um sistema de escritura imagética com a preocupação pelo homem primordial das terras americanas. Tal processo de elaboração, marcado por experiências oníricas, por descobertas da cultura cotidiana, por uma energia de busca e de transformação, mergulha, simultaneamente, no mito e na história. Essa atitude estética capaz de partir de uma infinidade de imagens possíveis tem dupla e antagônica motivação, porque é introspectiva, mas também preserva a vida do sujeito histórico. E, como avalia o estudioso da obra de Rubén Vela, Delfin Leocadio Garasa:

Su poesía de profunda originalidad se impregna de panteísmo y alcanza una universalidad nutrida en lo telúrico. Ya el tema americano no se apartará de la poesía de Rubén Vela, aflorará espontánea a la superficie o latirá soterrado bajo otras incitaciones. Sumirá entonces la fuerza recóndita de la palabra y en ella afirmará su pie en los embates de su lucha o en su ascensión hacia las realidades supremas,

aquellas que sólo es dado percibir o vislumbrar a los auténticos creadores a través de su reflejo en el espejo del arte (GARASA, 2006, p. 435).

Então, por meio dessa linguagem, não há um vínculo exclusivo aos elementos racionais, pois, em sua poética, Vela busca a intimidade simbólica, sempre ambígua sob vários ângulos. Suas percepções e imagens trazem ao instante único a fusão entre o inconsciente histórico coletivo e a interioridade do eu- lírico através da linguagem. A palavra em seu impulso criador lhes dá voz e propõe uma referencialidade material, quando é terrestre, como nesse caso, descobre uma substancialidade, um espaço, uma demarcação e, como diz Mircea Eliade: “validar a posse do território equivale a uma cosmogonia”, porque tudo o que não é “o nosso mundo não é um mundo ainda” (ELIADE, 1992, p.29).

Portanto, é possível observar que Rubén Vela consagra lugares. No livro *Poemas Americanos* (1963), por exemplo, dos 20 poemas presentes na obra, seis deles referem-se ao espaço de *Abya Yala: América, Macchu Picchu, Tiwanaku para recordar, Necrópolis de Paracas, En la selva de Beni, Chichén-Itzá*. Neles há uma espécie de inventário que se forma e se projeta gradualmente pelo fio condutor dos elementos materiais.

Gaston Bachelard, no livro *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria* avalia a rica e sistemática organização da linguagem presente na poética e que contribuem para o estudo simbólico da obra de Rubén Vela:

Já examinamos esse problema. Em *La psychanalyse du feu*, propusemos marcar os diferentes tipos de imaginação pelo signo dos elementos materiais que inspiraram as filosofias tradicionais e as cosmologias antigas. Com efeito, acreditamos possível estabelecer, no reino da imaginação, uma lei dos quatro elementos, que classifica as diversas imaginações materiais conforme elas se associem ao fogo, ao ar, à água ou à terra. E, se é verdade, como acreditamos, que toda poética deve receber componentes- por fracos que sejam- de essência material, é ainda essa classificação pelos elementos materiais fundamentais que deve aliar mais fortemente as almas poéticas (BACHELARD, 1997, p.4).

Então, segundo a *teoria da imaginação da matéria* de Gaston Bachelard acentuam-se as bases dos modos expressivos mais próximos da imaginação e do sentimento. Elas são combinações interessantes que exaltam de que forma um autor, e em nosso caso, Rubén Vela as materializa no discurso poético. Portanto, os escritores podem vivificar uma realidade orgânica primordial, um temperamento onírico fundamental que pode ser apreendido mediante a recorrência de elementos que se mostram.

Um privilégio concedido aos leitores de *Poemas Americanos* (1963) que parte dos quatro elementos da matéria, mas que, também exalta a presença de personagens e arquétipos do

imaginário dos povos da América profunda. Poemas como *Viracocha*, *Huitzilopochtli*, *Moctezuma*, *Caupolicán*, *Pachamama*, estão marcados por essa modelagem simbólica. Segue-se um exemplo:

VIRACOCHA
Ese rostro quebrado,
Esa piedra cansada,
Esa rama caída
Del árbol más antiguo
De la naturaleza,
Esos ojos que un día
Vieron la primera
Gestación del mundo,
Esa boca que dijo
– con violento temblor
de enamorado -
¡ el nombre más íntimo
De América!
(VELA, 2006, p. 128)

O poema parece denunciar a dissolução de um significado originário, marcado pela ameaça de vacuidade, dissipando fronteiras temporais e erguendo-se contra seu desaparecimento. O sujeito lírico tenta resolver esse drama pela introspecção porque, como afirma Gilbert Durand: “longe de estar às ordens do tempo, a memória permite um redobramento dos instantes e um desdobramento do presente, ela dá uma espessura inusitada ao monótono e fatal escoamento do devir, e assegura nas flutuações do destino a sobrevivência e a perenidade de uma substancia (DURAND, 2001, p.402).

Mediante a confluência dessas imagens o autor propõe versos que absorvem impulsos circunstanciais. Assim, é possível sentir linhas de força, abstraídas dos limites da história e que, marcham em direção à revisitação da memória americana.

Trata-se de uma espécie de relato que mescla recordações frutos da experiência cotidiana, mas também se observa, nos poemas, o alimento da expressividade imaginativa, como resultado de relações extremamente complexas entre o ser humano, o seu entorno cultural e a história. Desse modo, o sujeito-poético subverte o real ao mesmo tempo em que se vale dele.

Portanto, a experiência artística visualiza outro tempo. Nesse exercício, como afirma Octavio Paz, surgem: “tentativas de destruir este tempo de agora, o tempo da história que é o da história da desigualdade [...]” (PAZ, 1984, p.67).

O autor, ao explorar os domínios subterrâneos da imaginação vincula-se às vertentes programáticas pensadas nas antípodas do velho esquematismo criador. Então, potencializa uma linha narrativa de síntese plástica capaz de arejar essas ambiguidades, com imagens-contraponto, ao mesmo tempo exóticas e parciais, ousadas no ritmo e nos elementos estranhos ao pensamento racional, mas que induzem à pergunta não só pela obra, mas inclusive pelo lugar de onde ela foi produzida.

Artista e crítico reformulam conflitos e alimentam em sua escritura os registros de um trabalho que justapõe a inquietação criadora e a conexão com a época literária de pertencimento.

No período, em que Rubén Vela começou a materializar sua expressividade estética, a década de 50, organizava-se o campo intelectual, mediante o debate sobre as desigualdades da estrutura sócio- política, sobre a busca da identidade. Naquela época, assistiu-se a uma sistemática reordenação político-institucional e social que modificou a fisionomia dos países. Poetas descobriram o vasto manancial da América. Contudo, muitos autores fortaleceram o discurso anteriormente legitimado pelo olhar etnocêntrico. E Rubén Vela, como haveria de definir seu projeto estético? O que significa América para esse argentino? No próximo poema, é possível observar a força da palavra poética, que se conecta com outro acervo simbólico:

DEFINICIÓN

América sin el Arco del Triunfo.
América sin el David de Miguel Ángel.
América sin la Venus de Ampurias.
Nueva e intacta América
que ignoraba la locura de Paolo Uccello.

Porque cuando digo América
digo la América que cantó Pablo Neruda,
que cantó el cholo Vallejo,
que cantó Huidobro como un nuevo maldito.

Que cantaron los hombres
del tabaco y de la hechicería.
(VELA, 2006, p.124).

Os versos de Rubén Vela, impulsionados pelos elementos sensoriais, são impelidos pela potencialização de uma herança cultural rumo à aquisição do mundo simbólico captado por outras vozes, também transgressoras, cúmplices, que tentaram desvencilhar-se de um patrimônio estabelecido.

O sujeito poético mergulha na ancestralidade, reconta, relata, inventa e empreende novos percursos discursivos, chama outros bardos que tentaram potencializar a palavra por meio do registro emotivo e de tom mítico.

RUBÉN VELA E LEÓNIDAS GAMBARTES: A REBELDIA ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Rubén Vela nasceu na cidade de Santa Fe, Argentina, em 1928 e fez parte do prestigioso movimento literário representado pela revista *Poesía Buenos Aires* dirigido por Raúl Gustavo Aguirre (1927-1983), justamente no período de aceleradas mudanças na cena sócio-política argentina; nessa época artistas coincidem na busca de respostas para indagações que denotam um comprometimento de distintas tonalidades, lapidam experimentações enfáticas que ora exaltam, ora rechaçam a tradição.

Nota-se nesse movimento incisivo, o convívio entre o gosto pelo clássico e o audacioso interesse pelos novos materiais, experimenta-se a vanguarda, explicita-se a linguagem tridimensional, promove-se o projeto cultural voltado para o interior da América, e, com ou sem ligações entre si, vão esboçando linhas, figuras, relevos, tendências e fundamentando peculiaridades da linguagem centrada na constituição de espaço simbólico de pertencimento.

Entretanto, a valorização do postulado convertido em referência usual do artista, questiona a racionalidade moderna, critica a própria produção dos temas da cultura. Autores exaltam alteridades, porque desejam estabelecer vínculos capazes de registrar o movimento dessa ordem da realidade. Nesse sentido, configura-se uma tarefa, ao mesmo tempo de enfrentamento e de ligação, porque diz respeito à trajetória daqueles que pensaram arte e poesia no mundo da transitoriedade.

Nesse ímpeto que acentua enigmas, o poeta Rubén Vela encontra-se diante das propriedades sutis da voz de Leónidas Gambartes, como afirma Roger Pla: “artista culto pela forma e indígena americano pelo conteúdo” (PLA, 2009, p.1; tradução nossa).

Leónidas Gambartes nasceu na cidade de *Rosario, provincia de Santa Fe, Argentina* em 1909. Participou do grupo de Fernando Gaspary e posteriormente, conviveu com Antonio Berni.

Gambartes foi membro fundador do *Grupo Litoral de Rosario*, bem como do Grupo de Artistas Plásticos *Refugio*.

No início de seu itinerário artístico, esteve próximo ao conceito surrealista, praticando uma obra marcada pelo humor. Posteriormente, voltou-se ao conteúdo simbólico e telúrico da expressão ibero-americana, através do qual valorizou mitos, ritos e a geografia das sociedades pré-hispânicas. Sua obra, com acentuado conteúdo social, também acentua a vida cotidiana de sua cidade natal.

O projeto pictórico de Leónidas Gambartes mostra-se numa cartografia de símbolos advindos das entranhas do espaço americano. Por meio deles é possível perceber outra perspectiva de conexão com o patrimônio intangível. Gambartes faleceu em *Rosario* em 1963.

Gambartes apura o sentimento e evidencia a variedade preciosa das imagens, através do persistente trabalho de cruzar caminhos, percorrer direções em duplo movimento, para decifrar ao Outro e restabelecer-se a si próprio.

Portanto, Vela e Gambartes constroem sua expressividade estética entre a atitude filosófica e a pesquisa formal, anunciam a beleza e o desequilíbrio, a ordem e o caos, reconhecem as transformações da cena política, em sua verdadeira agressão aos sentidos. Negam os retrocessos da história humana. Ansiosos, inquietos, redimensionam referências. Imprimem identidade própria a certos elementos culturais e tornam-se universais.

Então, deliberadamente escutam a música ressonante dos ecos do passado, aqueles impulsos subterrâneos que não podem ser silenciados.

Poeta e pintor associam mitos desagregados na mentalidade contemporânea. Deslocam-se entre a obscuridade e a claridade. Reconciliam forças cerebrais e imaginativas. Enredam-se em distintas épocas e conferem perenidade a um acervo cultural que se esforça em viver. No poema seguinte, a identidade/alteridade complementa-se numa linguagem comprometida com o sentimento de preservação de *Abya Yala*:

TODO O NADA
Al pintor Gambartes

No hablar de américa

no hablar de nada
no mencionar la muerte que te guarda
como un ángel siniestro
no decir cosas
o decirlo todo de golpe
descubrirte penetrarte desnudarte
te cae el sol encima
te arde en tu fosa como una lepra
te cae la sed el hambre
se han olvidado las ofrendas
el pago de la tierra el tabaco la coca
te cae el dolor
de tanto espacio herido inútilmente
por los pájaros gigantes de rapiña
que llegan desde el norte
desde el centro del hielo
de la región de la muerte
para escarbar con sus garras
tu corazón de américagambartes
que late todavía [...]
(VELA, 2006, p.291)

Rubén Vela e Leónidas Gambartes absorvem as linhas centrais do desenvolvimento cultural do séc. XX. Transfiguram-se artisticamente e, propõem a partir de seu local de pertencimento, um lugar de múltiplas opções, de múltiplos compromissos. Descubrem vozes de outros, vozes semelhantes, estabelecem alianças, acentuam obsessivas dissonâncias através de um movimento aberto ao possível.

Nesse esforço, a construção de seus projetos estéticos fundem planos distintos e restituem à imaginação seu poder criador. De um lado, no poema *Todo o Nada*, o sujeito poético evidencia o elemento psico-sensorial na tentativa de salientar a dessacralização e as deformações da realidade, devido às configurações históricas. De outro lado, na gravura, intitulada *El dios del Maíz*, pode-se observar também essa dimensão imagética, que luta contra o seu aniquilamento:



El dios del Maíz (1957)
Leónidas Gambartes

Pode-se inferir a que conteúdo semântico poema e imagem aludem, já que pela modalidade simbólica, é mencionada a América pré-colombiana, de diferentes crenças, religiões, mitos e ritos tornados acessíveis pela imagem.

Portanto, sob vários ângulos ambos os artistas coincidem na introspecção e no desejo de preservação de um inventário cultural ameaçado de vacuidade, pois sua percepção move-se nessa circunstância espacial/temporal, em constante indagação e experimentação inquisitiva.

Por essa razão, é possível observar uma rede complementar que os une, porque ambos são capazes de representar deslocamentos imaginários em suas obras. O poeta Vela, primeiramente no espaço americano, mais tarde, em outros continentes e, o pintor Gambartes no interior da Argentina. Dessa maneira, instauram-se alteridades projetadas por meio da mobilidade e das redes de troca cultural.

A partir de uma geografia simbólica avessa ao etnocentrismo, Vela e Gambartes fortalecem as distintas vozes de *Abya Yala*/ a América vista a partir do imaginário pré-colombiano, na qual, pulsam deuses, heróis e paisagens invocados por forças vitais capazes de impedir o seu silenciamento. Movimento que se depreende de outra tela de Gambartes:



Payé del Amor (1955)
Leónidas Gambartes

Em *Payé de Amor* a consagração das influências míticas de milenar conhecimento estão acentuadas numa gravura com espectros de claro-escuro, na qual se reservam os signos de autóctone identidade.

Elas são mitofomas diáfanas, mágicas, que promovem uma verdadeira viagem sentimental rumo à descoberta do Outro americano, numa metamorfose ocorrida entre a percepção de seu esvanecimento e a instauração de sua rememoração.

Já, Rubén Vela, em seu alto grau de afetividade, articula simbolicamente, no poema *Todo o Nada*, essa mesma constituição primordial da identidade/alteridade, através da linguagem lúdica que fundamenta contornos de intensa revelação, ao mesmo tempo em que rende homenagem ao amigo Gambartes e à América originária:

TODO O NADA
[...] y me nace esta alegría entre tanta ausencia
haberte conocido
haberte hablado
haber visto con tus ojos
lo que tú quisiste que vieran mis ojos
tu sabiduría tu humildad
madrepadre gambartes
que construías con tus manos tan pequeñas
los radiantes monstruos del pasado hacia el porvenir
que inventabas la música de las raíces profundas
en la historia partida de esta tierra
con tu corazón de poderoso mago de la aurora
tus manos que inventaban el verdadero nombre de
américa

américagambartes
que soñaban américa
que lloraban américa
que gozaban américa[...]
(VELA, 2006, p.292-293).

O sujeito lírico tenta resolver esse drama pela introspecção porque, como diz Gilbert Durand: “longe de estar às ordens do tempo, a memória permite um redobramento dos instantes e um desdobramento do presente, ela dá uma espessura inusitada ao monótono e fatal escoamento do devir, e assegura nas flutuações do destino a sobrevivência e a perenidade de uma substância” (DURAND, 2001, p.402).

Observa-se que tais reações desempenham um papel ilimitado, tanto no nível da reflexão como também no nível da própria ação social, pois ganha importância a tendência de estetização da vida. Uma vez mais, Rubén Vela comunga com seus contemporâneos, como explica a pesquisadora da obra de Vela, Yolanda Rosas:

La ideología de la poesía social de nuestro siglo ha desarrollado un papel para el poeta que es una combinación de bardo y profeta a la vez, cuya misión es ayudar a comprender el sentido de la vida. Sus fines son esclarecer la situación social, despertar la conciencia política. En consecuencia, el poeta se siente responsable de explicar esa ‘ausencia de los dioses’ que ya se ha mencionado, en un mundo donde los valores fundamentales tienden a desaparecer. El lenguaje que ha llegado a sus manos requiere un trabajo arduo para lograr llegar al nivel totalizador que requiere la comunicación (ROSAS, 2006, p. 494).

Assim, há um sentido social de diversas coletividades, mostradas pelas distintas metáforas. Poeta e artista plástico fortalecem os devaneios infinitos das figuras prodigiosamente coloridas que se desdobram de maneira simultânea para a realidade factual. Então, o patrimônio cultural intangível, se reveste de multiplicidade e de polifonia. Pouco a pouco, frente a essas distintas vozes instaura-se um percurso de transformação do sentido, para a história, a cultura e a memória americana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se a imagem de que a arte irá fornecer ao homem a possibilidade de transformá-lo, ao tocar-se a si mesmo, na vontade de olhar-se aparecem os tesouros da intimidade.

Poesia e Pintura acentuam a materialidade difusa da cultura Pré-Hispânica silenciada. Contudo, as imagens são acentuadas particularmente, pois são nomeadas com exuberância em toda a sua riqueza íntima. Sua beleza mescla a imposição corrosiva do silêncio com um grito contrário ao esquecimento. As vozes subterrâneas, abafadas e longínquas permanecem atuantes no inconsciente do homem ibero-americano. Outra vez a arte reveste-se de cunho filosófico e alia imagem, sentimento e palavra para propor outra leitura da história.

Rubén Vela e Leónidas Gambartes ao reconhecerem uma orientação estilística afastada da estética puramente descritiva, passam a voltar-se às temáticas universais numa nova configuração capaz de intensificar a força onírica transformadora do cotidiano. Desse modo, superam uma tendência tradicional, pois modelam seus textos com as composições alegóricas. Por meio delas, mencionam a condição humana e sua circunstância.

Vela e Gambartes apresentam um espírito crítico e interpretativo do mundo, foram atuantes no campo artístico de sua geração e participaram de debates sobre a arte contemporânea, formalizando práticas artísticas, sempre abertas ao diálogo e à experimentação.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FABRIS, Annateresa. (Org.) **Crítica e modernidade**. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

FER, Briony et alii. **Realismo, racionalismo, surrealismo: a arte no entre guerras**. Tradução Cristina Fino. São Paulo: Cosac&naify Edições Ltda., 1998.

FORCAT, Julio César. **La visión de las culturas premodernas**. Disponível em <http://www.rubenvela.net>. Acesso em 13/08/2008.

GAMBARTES, Leónidas. **Su vida. Su obra**. Disponível em www.gambartes.com Acesso em 12 de julho de 2013.

GARASA, Delfín Leocadio. **La poesía de Rubén Vela**. En: VELA, Rubén. *Obra poética 1953-2004. Ensayos críticos*. Colección Metáfora. Editorial Vinciguerra. Buenos Aires, 2006.

GONZÁLEZ, Javier. **El cuerpo y la letra. La cosmología poética de Octavio Paz**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1990.

JOZEF, Bella. **Poesia argentina: 1940-1960**. São Paulo: Iluminuras, 1990.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **A crítica de arte em Buenos Aires: entre a militância política e a arte**. In: FABRIS, Annateresa. (Org.) *Crítica e modernidade*. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MORALES, Ana María. **Identidad y alteridad: del mito prehispánico al cuento fantástico**. Disponível em www.utpa.edu/DEPT/MODLANG/hipertexto/.../Hiper7Morales.pdf. Acesso em 26 de março de 2012.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____ **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____ **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993.

PLA, Roger. **Lo indígena y la tierra en la pintura de Gambartes**. Disponível em <http://www.temakel.com/pintmplagambartes.htm>. Acesso em 27/07/13.

RICOUER, Paul. **Interpretação e ideologias. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Tradução Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

ROSAS, Yolanda. **De lo telúrico a la protesta social**. En: VELA, Rubén. *Obra poética 1953-2004. Ensayos críticos*. Colección Metáfora. Editorial Vinciguerra. Buenos Aires, 2006.

VELA, Rubén. **Obra poética 1953-2004. Ensayos críticos**. Colección Metáfora. Editorial Vinciguerra. Buenos Aires, 2006.